

Paris, 10 de Junho de 2006.

Da “Libertação de”, “Liberdade para” e Verdadeira Liberdade.

“A Libertação de” é repressão e reacção sob a bandeira da renúncia com vista a obter liberdade! É uma orientação do passado. Vem do passado e, portanto, é uma continuação modificada do passado, com uma alteração superficial e um ajustamento marginal. “A Libertação de” continua a ser uma escravidão. É a dependência que tenta libertar-se de algo e, nestas condições, a servidão permanece. Esta espécie de libertação é concretizada (fornecida, prometida) por políticos e psicólogos. Karl Marx, Mao, Freud, Jung são exemplos de quem promete tal libertação.

Não é necessário desenterrar o passado para ficar livre dele. Os pensamentos são respostas e reacções do passado. Apenas a consciência sem escolhas ou o estado de despertar holístico destas respostas, momento a momento, sem a dicotomia entre o observador e o observado, é suficiente para se libertar a si próprio. O observador, o “EU”, a fragmentação separativa e ilusória na consciência, é o *escolhedor*, cujas incessantes actividades denegam a liberdade. O estado de não-escolha é o fim deste *escolhedor*, deste “EU”. Perceber isto e estar disponível para a dimensão da não-acção por parte do “EU” psicológico é a liberdade suprema.

O “EU” técnico, o ponto de referência para o funcionamento técnico, não pode criar escravidão.

O “EU” psicológico é o reforço da servidão. Nas questões técnicas, sujeito e objecto são diferentes. Se existir um problema no carro, ele pode ser resolvido porque o *solucionador* do problema (sujeito) é o corpo, é o eu (“me”) e o problema (objecto) é o carro. Mas quando existe um problema psicológico, o *solucionador* é o “EU” e o problema também é o “EU”. A projecção de um “EU” fora do campo básico da consciência, o qual também é o “EU”, não é outra coisa senão o mecanismo protector da dualidade na consciência, sustentando-se um ao outro.

A análise no mundo técnico é correcta, porque sujeito & objecto são diferentes; mas em psicologia, análise é parálise! O sujeito (que analisa) é mente e o objecto (analisado) também é mente. Desenterrar a história passada, cheia de opostos & fragmentações, e manipular tudo isso, de acordo com várias “terapias”, incluindo “regressões a vidas passadas”, são jogos horríveis da mente dando “libertação de”, *ad-hoc* (para um determinado fim), durante algum tempo, e, deste modo, vão voltando aos terapeutas, vezes sem conta, até ao fim da vida! Os pacientes reconstróem meramente o seu passado de acordo com os terapeutas, nunca se libertando deles. As reformas políticas também requerem, sempre, repetidas reformas adicionais. Tudo isto é o fenómeno de “libertação de”.

“Liberdade para” orienta-se para o futuro. É utopia e ideologia. É o tornar-se e é projecção da mente. Trata-se de um escape de “o que é” para “o que deveria ser”. Também é uma espécie de liberdade para muitos que apreciam a ilusão, em vez da iluminação! É somente reavaliação e reformulação sob a bandeira da renovação.

Ambas, tanto “Libertação de” como “Liberdade para” não são liberdade!

A verdadeira liberdade é rebelião, mudança radical e verdadeiramente religiosa. Orienta-se para o presente. Aqui os opostos encontram-se e mergulham na omnipresença. As dualidades fundem-se uma na outra para se dissolverem na divindade. Buda, Jesus, Lao Tse, Nanak, Kabir e outros incluindo tu (não como mente, mas como vida) pertencem a esta liberdade total – absoluta e incondicional. É a libertação de “o que é” pelo simples facto de ter conhecimento dele, não resistindo a nada nem escapando a nada.

“Libertação de” é escravidão, “Liberdade para” é o tornar-se, Liberdade é beatitude.

“Libertação de” é manipulação, “Liberdade para” é mania, Liberdade é o mais sagrado.

“Libertação de” é reacção, “Liberdade para” reformulação, Liberdade é religião e rebelião.

“Libertação de” e “Liberdade para” são mente, Liberdade é “não-mente”, vida...

A Verdadeira Liberdade é Nirvana (samadhi, beatitude) e Mokhsa (libertação espiritual).